

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 no bairro de Aquidauã, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de memória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou em várias instituições, na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Academia de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como o *Diário da Manhã* e o *Diário da Tarde*. Foi também autor de vários livros, como *Os Poetas do Ceará* (1917) e *Os Poetas do Ceará* (1918), com ilustrações de Antônio de Albuquerque Maranhão.

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sob a orientação do professor Dr. João de Deus, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. Quando foi eleito presidente do conselho, organizou a primeira reunião geral da Academia. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou a primeira edição do *Boletim da Academia Cearense de Letras*, ocasião em que o poeta de Aquidauã foi homenageado com o nome de Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1998

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos ideais,
Trazendo a fim a unidade,
Magnânimo à Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria à Glória conduz.

Os céus se vestem de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

BENI CARVALHO

Benedito Augusto Carvalho dos Santos nasceu em Aracati, Ceará, em 3 de janeiro de 1886 e faleceu no dia 22 de janeiro de 1959, aos 73 anos de idade, no Rio de Janeiro. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, foi professor catedrático da Faculdade de Direito do Ceará e professor do Colégio Militar de Fortaleza, transferido posteriormente para o Rio de Janeiro, tendo chegado ao generalato. Como político, assumiu os seguintes cargos: vice-presidente do estado, deputado federal, interventor federal no Ceará e membro do Conselho Nacional de Educação.

Foi filólogo, prosador e autor de excelentes composições poéticas. Antônio Sales referia que o convívio das musas havia conferido ao poeta “o dom da forma, o entusiasmo lírico e o segredo das belas imagens”. Publicou as seguintes obras: *Causas dirimentes e flagrante delito*, 1917; *Morfologia e sintaxe do substantivo português*, 1920; *Le Droit et la Sociologie*, 1920; *Na Casa de Tiradentes*, 1931; *De florete e luvas*, 1935; *Sexualidade anômala no Direito Criminal*, 1937; *Chama extinta* (poesias), 1937; *Ação parlamentar*, 1950; e *Crime contra a religião, os costumes e a família*.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 (primeira reorganização), ocupando a cadeira 30, cujo patrono era Alberto Nepomuceno. Na segunda reorganização, ocorrida em 1930, passou para cadeira 39 que tinha como patrono Ulisses Pennafort. Foi representante da ACL na Federação das Academias de Letras do Brasil.

O FLAMBOYANT

*Forte, esgalhado, heril, o flamboyant de flores
Rubras, na antiga fronde, ostentava a vitória
Da púrpura triunfal, sob o pátio de glória
Do sol, no alto do Azul, todo em flama e fulgores.*

*Lutou. Venceu, heróico! A conquista na história
Vegetal, alcançou no meio de esplendores:
Ora, altivo, pompeando, à luz, as rubras cores,
Ora, verde, a cantar a Esperança ilusória!*

*Hoje, porém, descansa o flamboyant por terra,
Sangrenta a floração, circundando-o, morrendo
À agonia mortal, que o seu martírio encerra.*

*- Egrégio lutador que, na refrega, exangue,
Fulminado, semelha, a cair, combatendo,
Um cadáver de herói, salpintado de sangue!*

DESCENDO O JAGUARIBE...

MANHÃ

I

*Canta no galho agreste o passaredo... Canta!...
Em flor, o cajueiral farfalha... o vento açoita ...
E vai, de fronde em fronde, e vai de moita em moita,
Áurea, a luz da manhã, que a sombra abate e espanta.*

*Alto, côncavo, azul, escampo, o céu! Levanta
O vôo, uma ave, além, que o bamburral acoita.
Não mais a verde mata, a treva espessa enoita,
E tudo brilha, e esplende, e exulta, e harpeja, e encanta!*

*Claro, ao sol refulgindo, o Jaguaribe, lento,
Coleia, estuante, a arfar, os mangues alagando...
Na praia, o coqueiral, move e fustiga o vento.*

*Ao longe, passa, a voar, de marrecas um bando...
O rio, ansiando mais, lança-se ao mar violento,
E o hino triunfal da Luz, ei-lo que vai cantando!...*

ELOGIO DO SILÊNCIO

*Vive longe e esquecido; não te iluda
A idéia vã, o público louvor:
Ama o silêncio, a paz, a expressão muda
Do Sonho, que te fala no interior.*

*Foge, da vida, à hipocrisia ruda;
Do mundo, à voz – reclamo enganador -;
Uma alma só, procura; uma alma estuda,
Com quem possas fundir a tua dor.*

*Passa!... Teu nome há-de apagar-se ao vento...
Goza, feliz, toda a volúpia, todo
O sereno prazer do Esquecimento...*

*Cale-se, sobre ti, a humana história:
- Não terás, do amanhã, o vil apodo
- Nem o sorriso pérfido da glória!*